

## LITERATURA, MODERNIDADE E HISTÓRIA

*Edgar Salvadori de Decca*

O tema deste artigo é a relação entre a literatura e a história. Para abordá-lo, faremos uso, principalmente, de um certo gênero literário produzido com maestria pelos ingleses, o romance de aventuras, que engendrou e esmiuçou os personagens mais significativos do imperialismo.

Desde o início, para não fugir à regra de um artigo, também ele um gênero de literatura científica, iremos nos colocar no campo da controvérsia. É controverso o tema do imperialismo, como é também a relação entre a literatura e a história e a utilização da primeira pela última.

Talvez seja mais conveniente começarmos pela última questão, posto que nos dará a medida das possibilidades do uso da literatura no campo da prática historiográfica. Tomemos, então, a literatura e seus gêneros, e nada melhor para nos acompanhar neste percurso do que as "iluminações" de Borges sobre o romance policial.

Alguns autores já se indagaram sobre a existência ou não dos gêneros literários, preferindo encarar cada livro como um acontecimento estético irreduzível. Não é o caso, evidentemente, de Borges, e seu argumento é insinuante: "Pensar é generalizar e necessitamos destes arquétipos platônicos para poder afirmar algo. Então, por que não afirmar que existem gêneros literários? Eu agregaria uma observação pessoal: os gêneros literários dependem talvez menos dos textos que do modo em que estes são lidos. O fato estético requer a conjunção do leitor e do texto e só assim ele existe. É um absurdo supor que um livro seja muito mais que um livro. Ele começa a existir quando um leitor o abre.

Aí então existe o fenômeno estético que pode se confundir com o momento no qual o livro foi engendrado<sup>1</sup>.

Justamente por considerar o fato estético como uma relação entre o leitor e o texto é que Borges reconhece a existência dos gêneros na literatura, e que eles engendram leitores. Nessa medida, não é difícil de se perceber, a partir do século XIX na Europa, a existência de leitores de ficção policial ou de aventuras transcorridas sempre em terras longínquas. Quanto ao romance policial, "este leitor foi - esse leitor encontra-se em todos os países do mundo e se conta aos milhões - engendrado por Edgar Allan Poe"<sup>2</sup>. Acreditamos que com relação ao romance de aventuras, este leitor foi criado por Joseph Conrad e Rudyard Kipling, em cenários imaginários da Índia, do sudeste asiático, da África e principalmente nos mares, pois nesses lugares exóticos e distantes habitava e ainda habita a imaginação desses leitores ávidos de fortes emoções. Este leitor ávido de aventuras é o mesmo indivíduo que, segundo Hanna Arendt, convive entre 1880 e 1914, com a "quietude estagnante na Europa e com os acontecimentos empolgantes na África e na Ásia"<sup>3</sup>. O narrador de *O coração da treva* de Joseph Conrad, depois de voltar de sua terrível aventura na África, define com um misto de desprezo e arrogância esses indivíduos/leitores modernos: *"Encontrei-me de volta à cidade sepulcral, chocando-me com a visão de pessoas que se apressavam pelas ruas a fim de surrupiarem alguns níqueis umas das outras ou, então, para devorarem sua infame comida, para engolirem sua cerveja malsã, para sonharem seus tolos e insignificantes sonhos. Elas ofendiam a minha inteligência, cujo conhecimento da vida parecia-me uma irritante pretensão, pois eu tinha certeza de que jamais poderiam saber aquilo que eu sabia. A conduta delas, simplesmente a conduta de indivíduos comuns cuidando de seus interesses e convictos de perfeita segurança, afrontava-me como a ultrajante auto-suficiência da loucura em face de um perigo ao qual é incapaz de discernir. Não tinha desejo algum de iluminá-los;*

<sup>1</sup> Borges, Jorge Luiz. *Borges Oral*. Bruguera, B. Aires, 1979.

<sup>2</sup> Borges, Jorge Luiz. Op. cit., p. 72.

<sup>3</sup> Arendt, Hanna. *As origens do totalitarismo*, vol. II, Ed. Documentário, R. J., 1976.

*sentia, porém, certa dificuldade em conter-me para não rir diante de seus rostos inflados de estúpida soberba. Devo dizer que não me achava muito bem naquela época (...)*<sup>4</sup>.

O narrador de Conrad, de fato, não estava em seus melhores dias, mesmo porque sua memória conturbava-se e confundia-se com os horrores por ele visto em sua empolgante e alucinante aventura na África. Conrad, é claro, não queria pensar assim o seu leitor, mas engendrava-o como um ser dotado unicamente de um par de olhos ávido de ação, vivendo num mundo mergulhado em profunda quietude. Este leitor, futuramente, se tornará o leitor plenamente massificado das revistas em quadrinhos do Tarzã e do Fantasma e o roedor de unhas do cinema, freqüentador dos filmes de Indiana Jones em suas aventuras na Ásia e na África.

Em se tratando de análise de gêneros literários, a generalização mais aguda nos vem de Hanna Arendt, quando ela define o romance moderno e seu leitor: "a promoção do acaso à posição de árbitro final da vida iria atingir o seu ponto mais alto no século XIX. Como resultado, surgiu um novo gênero na literatura, o romance, que acompanhou o declínio do drama. Pois o drama perdeu o seu sentido num mundo sem ação, enquanto o romance podia tratar adequadamente os destinos dos seres humanos que eram quer vítimas da necessidade, quer favoritos da sorte (...). Só o romance em sua completa maturidade, tendo interpretado e re-interpretado toda a gama dos temas humanos, podia pregar o novo evangelho da paixão do homem pelo seu próprio destino (...). Através desta paixão, o artista e o intelectual tentavam traçar uma distinção entre si mesmos e os outros, proteger-se contra a desumanidade da boa e da má sorte, e desenvolveram todos os dons da sensibilidade moderna - pronta para o sofrimento, compreensão, desempenho de determinado papel - tão desesperadamente necessária à dignidade humana, que exige que um homem seja pelo menos uma vítima, se não puder ser outra coisa"<sup>5</sup>.

---

<sup>4</sup> Conrad, Joseph. *O coração da treva*. Global editora, São Paulo, 1984, p.111.

<sup>5</sup> Arendt, Hanna. Op. cit., p. 37.

Acompanhando Borges e H. Arendt na questão dos gêneros, poderíamos dizer que o primeiro afirma a existência do romance policial e, por conseguinte, do romance de aventuras, como um fato estético, por eles engendram um determinado tipo de leitor, e H. Arendt nos chama a atenção para a historicidade, tanto do romance como desse leitor por ele engendrado. Borges generaliza para chegar ao *fato estético*; H. Arendt generaliza para chegar à *historicidade* do indivíduo/leitor moderno. Em outros termos, nem a literatura pode abordar o fato estético sem a existência do leitor, nem a história pode se valer da obra literária como documento, sem se indagar sobre o leitor que esta obra engendra<sup>6</sup>. Ao historiador que pretende trabalhar com a literatura, estes dois momentos são significativos para a sua análise. Primeiramente, a obra literária deve ser encarada como um fato estético, o que exige uma análise particular das relações entre o texto literário e os seus leitores. Esse texto engendra leitores que buscam incessantemente as mesmas referências afetivas e intelectuais. Não é nada estranha esta afirmação, se

---

<sup>6</sup> Poderíamos acrescentar ainda as observações de Foucault quanto à unidade do livro e da obra e aproximá-las à discussão sobre os gêneros. Em *A Arqueologia do Saber*, Forense, 1986, o autor aproxima-se bastante dos comentários de Borges quanto aos gêneros literários. Vejamos: "É que as margens de um livro jamais são nítidas nem rigorosamente determinadas: além do título, das primeiras linhas e do ponto final, além de sua configuração interna e da forma que lhe dá autonomia, ele está preso em um sistema de remissões a outros livros, outras frases: nó em uma rede. E esse jogo de remissões não é homólogo, conforme se refira a um tratado de matemática, a um comentário de textos, a uma narração histórica, a um episódio em um ciclo romanesco; em qualquer um dos casos, a unidade do livro, mesmo entendida como feixe de relações, não pode ser considerada como idêntica. Por mais que um livro se apresente como um objeto que se tem na mão; por mais que ele se reduza ao pequeno paralelepípedo que o encerra: sua unidade é variável e relativa. Assim que a questionamos, ele perde a sua evidência; não se indica a si mesma, só se constrói a partir de um campo complexo de discursos". Para Foucault o livro se apresentaria como *fato discursivo* e caberia questionar as ilusões de originalidade e de unidade do livro, procurando encontrar o terreno de sua inter-discursividade com outros textos e outros discursos. Por caminhos e indagações diferentes parece-me que existe uma interessante aproximação entre Foucault e Borges, isto é, entre o enunciado de fato estético e o de fato discursivo.

lembrarmos o quanto perseguimos em nossas leituras determinados gêneros literários e o desconforto que vivenciamos quando um determinado gênero não nos é familiar.

Nesse sentido, são extremamente pertinentes as observações de Borges, quando este autor afirma que um determinado leitor foi produzido pela ficção de Edgar Allan Poe. Entretanto, ao historiador não bastaria se deter apenas no fato estético, que de resto pode ser muito melhor avaliado pela crítica literária. A relação texto e leitor tem que ser problematizada pelo historiador, na tentativa de desvendar o universo mental deste leitor. Este desvendamento desdobra aquilo que Borges definiu como um fato estético para o campo da historicidade, onde este leitor existe para além do texto, mas ao mesmo tempo traduz o próprio texto em sua existência cotidiana e em suas ações. Isto é, o leitor transfere o fato estético para o universo da historicidade, uma vez que ele, como sujeito de ação, pode imprimir força às imagens literárias, traduzindo-as no sentido de sua própria vida.

Este artigo busca justamente analisar os momentos de tradução e revelação do fato estético no campo da história. Para tanto, nos valem principalmente das observações de Borges sobre o romance de Edgar Allan Poe e das instigantes e sugestivas análises de H. Arendt sobre o peso dos romances de aventura na configuração do homem moderno, que se viu atraído pelos fantásticos sonhos do imperialismo.

Vejamos, pois, Borges pensando o romance policial como um fato estético e H. Arendt analisando o romance de aventuras como um fato histórico.

Borges, irônico e apaixonado pelos paradoxos, supõe um leitor fanático e hipotético de romances policiais, muito distante de nós, que recebe para ler o *Quixote* de Cervantes, informado de que se trata de uma ficção policial. Então, o que este leitor lê, pergunta Borges: "*Em algum lugar da Mancha de cujo nome eu não quero me lembrar, não faz muito tempo vivia um fidalgo (...)*" e logo este leitor está cheio de suspeitas, porque o leitor de romances policiais é um leitor que lê com desconfiança, com suspeitas, uma suspeita especial. Por exemplo, se lê: *em algum lugar da Mancha...*, desde logo supõe que aquilo não aconteceu na Mancha. Portanto, *... de cujo nome não quero me lembrar...* Por que não quis se lembrar Cervantes? Porque Cervantes, sem dúvida, Cervantes era o

assassino, o culpado. Portanto, *...não faz muito tempo...* possivelmente o que sucede não será tão aterrador como o futuro.<sup>7</sup>

Esta brincadeira hipotética de Borges serve para ele nos dizer que esse leitor foi engendrado pelo romance policial de Edgar Allan Poe, que nunca perseguiu um gênero policial de tipo realista. Poe pretendeu criar um gênero intelectual, sendo por isso totalmente fictício, e a descoberta dos crimes em seus romances se dá pelas racionalizações abstratas de um detetive e não por meio de delatores ou por incompetência e descuido dos criminosos, isto é, por um apelo aos padrões realistas.

Por isso, apenas como parênteses, devemos evitar as leituras realistas da obra de Poe feitas pelos historiadores, quando estes pretendem usar os romances policiais como documentos de época para se trabalhar com os temas urbanos, como se eles descrevessem cenas reais de cidades reais da Europa do século XIX.

Por produzir uma ficção policial, Poe e a maioria dos seus autores/leitores, como devem ter sido, por exemplo, Conrad e Kipling, situam as ações de seus romances em cenários longínquos. As cidades de Allan Poe, que começou escrevendo para um público americano, eram Londres e Paris do século XIX, as quais ele nunca conheceu, a não ser através de livros e gravuras<sup>8</sup>. Justamente por isso, as leituras realistas de Poe são problemáticas. Ele poderia ter escolhido a cidade de Nova Iorque como cenário para seus

---

<sup>7</sup> Borges, Jorge Luiz. Op. cit., p. 73.

<sup>8</sup> Edgar Allan Poe nasceu em 1809 e morreu aos quarenta anos. Muito moço começou a sua carreira literária no sul dos Estados Unidos, em Richmond, Virgínia. Foi poeta, contista e diretor da revista *Southern Literacy Messenger*, importante periódico da literatura sulista. Viveu entre Nova York e Filadélfia a partir de 1837 até a sua morte em 1849. Dentre seus romances de detetive destacam-se *"Os assassinatos da rua Morgue"*, *"A carta roubada"*, *"O escaravelho de ouro"* e *"O mistério de Mary Roget"*. Por sua presença indiscutível na obra de Baudelaire, influenciou a literatura simbolista européia. Mais recentemente, com a divulgação da obra de W. Benjamin, ele veio a se transformar em um dos escritores emblemáticos da modernidade, através, principalmente, do seu conto *"O homem na multidão"*.

romances e não o fez, porque o leitor americano começaria se perguntando se a polícia e a cidade de Nova Iorque eram realmente como Poe as descrevia.

Situados em lugares distantes da América, os personagens de Poe são mais singulares e podem viver uma vida diferente daquela vivida pelos seus leitores americanos<sup>9</sup>. Como tudo é imaginação na obra de Poe, Borges pode imaginar "dois amigos percorrendo as ruas desertas de Paris (do bairro de Saint-Germain) de noite, e falando sobre o quê? Falando de filosofia, sobre temas intelectuais. Em seguida, temos o crime, esse crime é o primeiro crime da literatura fantástica (...). Eu diria, os crimes da rua Morgue (...)"<sup>10</sup>. A Londres e a Paris de Allan Poe são cidades imaginárias, como são também os seus detetives e seus criminosos, o que não quer dizer que ele não tenha chegado ao âmago do indivíduo que vivia nessas mesmas cidades, como bem observou Baudelaire.

O mesmo se pode dizer da *jungle* onde viveu Mowgli, da Índia onde cresceu Kim ou da selva africana do *Kurtz* de Conrad. São selvas, mares e países que povoaram e povoam a imaginação tanto de leitores do século XIX, como a nossa, ainda hoje. Nós somos leitores engendrados por esta literatura fantástica, apaixonados ainda pelos romances de aventura. Por isso mesmo, a historiografia deveria evitar as apropriações realistas dos inúmeros textos destes autores emblemáticos da modernidade. Além disso, somos sujeitos sociais cujas marcas destes romances ou do gênero por eles criado são visíveis. Para dizer apenas o já conhecido, podemos lembrar o artigo de Carlo Ginsburg, onde ele aproxima o método de investigação histórica do método detetivesco de perseguição de pistas. Isto é, a própria historiografia moderna está marcada pelo gênero policial em seus métodos de investigação, e o próprio interesse pela leitura de textos históricos está

---

<sup>9</sup> Recentemente Allison Lochwood em *Passionate Pilgrims: An american traveler in Great Britain* (1800-1914), Associate University Press, nos relata que os viajantes americanos que vão para a Inglaterra, ainda em nossos dias, inventam a sua própria Inglaterra antes de vê-la.

<sup>10</sup> Borges, Jorge Luiz. Op. cit., p. 81.

fundado na figura de um leitor que se fascina pelos procedimentos de investigação e desvendamento de problemas através do método de análise das pistas<sup>11</sup>.

Hanna Arendt, analisando a literatura de Rudyard Kipling, embora indague sobre o leitor que ela engendra, ao contrário de Borges, não se detém no fato estético. Vai em busca da relação histórica produzida por esta literatura e seu leitor, o cidadão inglês da segunda metade do século XIX, que podia ser tanto um pacato pai de família, um político liberal ou imperialista, um administrador colonial, ou simplesmente, um turista acidental inglês.

Kipling, melhor do que qualquer outro escritor de língua inglesa, produziu no leitor de sua literatura a lenda do "fardo do homem branco", com sua missão civilizadora e que mais tarde estaria seriamente abalada no romance de J. Conrad, *O coração da treva*. Essa lenda foi contada em *O primeiro marinheiro*, em 1891, e seu tema é o Império Britânico, que tem muito pouco a ver com o imperialismo inglês. No entanto, sua força mobilizadora atraiu irresistivelmente os mais anônimos e pacatos cidadãos ingleses para a aventura imperialista, que transformaria a Inglaterra em potência dominadora de povos estrangeiros.

O que a lenda evoca primeiramente é a condição insular do povo inglês que, cercado pelo mar e necessitando dos três outros elementos naturais - o sol, o vento e a água -, os obtém através da invenção do navio. Na literatura do imperialismo a presença do navio é constante e é ele quem transforma o inglês em senhor do mundo. Navio que foi revolucionado pela máquina e pela energia a vapor, invenções do final do século XVIII. Nesta lenda imperialista, Kipling evoca os sentimentos insulares do povo inglês: "*conquistarás o mundo (...) sem que ninguém se importe como; conservarás o mundo em teu poder sem que ninguém saiba como; e levarás o mundo em tuas costas sem que ninguém se aperceba como. Mas nem tu, nem teus filhos ganharão coisa alguma por este pequeno feito a não ser os quatro dons - um do mar, um do vento, um do sol, e um do navio que te leva (...). Pois conquistando o mundo e conservando o mundo e levando o*

---

<sup>11</sup> Ginsburg, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais*. São Paulo, Cia das Letras, 1989.

*mundo às tuas costas - na terra, no mar ou no ar - os teus filhos terão sempre quatro dons. Serão intelectualmente astutos, macios no falar e terão sempre a mão pesada, terrivelmente pesada; e estarão sempre um pouco a barlavento do inimigo, para que possam salvar os que cruzam os mares para fins lícitos*"<sup>12</sup>.

O que torna *O primeiro marinheiro* de Kipling tão vigoroso para o público leitor inglês é o que mais inquieta H. Arendt. Afinal de contas, já nos finais do século XIX, pelo mundo afora, poucos acreditavam que os ingleses "não haviam ganho coisa alguma com aquele pequeno feito". No entanto, o leitor de Kipling, segundo a autora, ainda carregava consigo os ideais do cavalheirismo, da nobreza e da bravura e acreditava no "fardo do homem branco", o que os transformou em "trágicos e quixotescos bobos do imperialismo"<sup>13</sup>.

A enganadora tranqüilidade européia por volta de 1880, ao lado de relatos e testemunhos eloqüentes de grandes aventuras em países distantes, atraiu o público leitor inglês de forma arrebatadora em direção ao sonho imperialista.

Da mesma forma que Allan Poe, Kipling e Conrad metaforizaram em seus romances as selvas, os países distantes e o próprio mar, e não é difícil tomarmos destes dois últimos alguns exemplos marcantes. Bastaria lembrar de algumas passagens de *O coração da treva* ou de *Mowgli*. Tal como fez Allan Poe, que apresentou a cidade metamorfoseada na trama e na ação de seus personagens, em *Mowgli*, Kipling enuncia as leis da selva, que não são outras senão as próprias leis do mundo burguês, no seu melhor sentido *hobbesiano*. No terceiro capítulo "*Como aprender o medo*" encontramos o enunciado da lei da selva: "*A lei do jangal, que é a mais velha do mundo, atende a quase*

---

<sup>12</sup> Kipling, Rudyard. *O primeiro marinheiro*, citado por H. Arendt, op. cit., p. 124. Vale lembrar um fato curioso que diz respeito à literatura de aventuras no Brasil. As traduções dos livros de aventuras de Tarzã de Edgar Rice Burroughs foram publicadas na coleção *Terramarear*, uma semelhante combinação possibilitada pela presença do navio. Evidentemente, não estamos comparando a qualidade literária da obra de Kipling com a do autor de Tarzã, que se inspirou na lenda de Greystoke, recentemente transformada em filme.

<sup>13</sup> Arendt, H. Op. cit., p. 124.

*todos os acidentes que possam acontecer para o povo do jangal; código mais perfeito, o tempo e os costumes nunca fizeram (...)*

*Aqui está exposta agora a lei do jangal  
Antiga como o céu e como o céu tão vera,  
O lobo que a transgride por certo sucumbe  
O lobo que a respeita por certo prospera.*

*A lei vai para trás e para diante  
Como em torno do tronco, a se enroscar, a liana  
Ouve: A força do grupo reside no lobo  
Como a força do lobo do grupo dimana.<sup>14</sup>*

Em seguida, Kipling traça com a leveza e a suavidade próprias do conto infantil as linhas mestras deste Leviatã das selvas que transforma o pequeno e sedento lobo num fiel e submisso instrumento do poder, e que por isso mesmo em seu nome e com o imperativo desta lei poderá expandir os seus desejos.

*Enfim são estas as lei numerosas  
Do jangal. E potentes elas soem ser  
Mas a cabeça, e o casco dessa lei, e a anca  
E a bossa estão numa palavra: obedecer.<sup>15</sup>*

<sup>14</sup> Kipling, Rudyard. *Mowgli, o menino lobo*, pp. 51- 69.

<sup>15</sup> Kipling, Rudyard. Op. cit., p. 69.

Tanto para o pacato cidadão/leitor de Kipling na Inglaterra como para os administradores coloniais, este conto deve ter caído como uma luva. A submissão ao poder do Estado em sua expansão imperialista tornava o cidadão inglês uma presa fácil desse poder, e a mesma lição do Leviatã das selvas assegurava aos administradores coloniais os direitos de expansão econômica e política ilimitados.

Na jangal de Kipling os homens não são bons e humanos; principalmente, se estiverem livres das convenções. Sem o Leviatã, tornam-se vazios, solitários e brutos. Tanto um garoto nas escolas, um administrador colonial na Índia ou na África, como um indivíduo qualquer nas ruas de uma grande cidade, têm regras de civilidade, com as quais estão em permanente conflito, e por isso todos eles devem ser domesticados pelas leis da jangal urbana. Para Kipling, metaforizando o Leviatã em plena jangal, *"a Lei é a condição de vida do homem civilizado, sem a qual ele não tem esperança de viver em liberdade. Mas ela é também uma fonte de disciplina, especialmente quando é reforçada nas escolas e nos exércitos (...). Mas ela é também sedutora. Quando transformada em convenções de uma casta, de um clube, de uma comunidade 'fechada', ou de uma elite ela produz o auto-respeito e a superioridade por aquilo que se vive. Kipling também viu, ao que parece, que os homens devem exercer a autoridade e expandir as suas fronteiras pois se não o fizerem começam a sucumbir"*<sup>16</sup>. Parafraseando H. Arendt, na vida individual, como em um império, a expansão é tudo.

Essas lições da jangal foram exemplares para o cidadão comum inglês e também para os administradores coloniais, que na literatura de Kipling encontraram as referências mitológicas para a elaboração do sonho imperialista de expansão ilimitada, mesmo que para isso fosse exigida a plena submissão à máquina do poder.

Um outro romance de aventuras profundamente alegórico é *O coração da treva*, de Joseph Conrad. Nele a grande cidade é metaforizada nas selvas africanas, onde o homem civilizado, livre de todas as convenções, imbuído dos ideais de progresso, expande

---

<sup>16</sup> Dyson, A. E. "Literature", in *New Cambridge Modern History*, pp. 615 a 619.

ilimitadamente o seu poder, levando tudo que o rodeia à destruição e à barbárie<sup>17</sup>. O enredo do romance, resumidamente, é um relato de um marinheiro contratado por uma companhia comercial para subir um rio na África em busca de um comerciante exemplar que, ao levar ao paroxismo e ao exagero os seus métodos de exploração e expansão econômicas, põe em risco os próprios poderes da companhia. A viagem do marinheiro Marlowe subindo o rio é de uma alegoria desconcertante e ele, ao presenciar a arrogância com que o homem branco exerce o seu poder sobre os povos de outras "raças", começa a se indagar sobre o porquê daquela missão em busca de Kurtz. Marlowe, em seu barco, subindo o rio, presenciando as iniquidades da expansão colonial, viaja em direção ao âmago do homem moderno, com seus ideais de expansão e progresso, e ao encontrar Kurtz, acaba encontrando o vazio e a solidão de si mesmo.

A Londres do século XIX está metamorfoseada na selva de Joseph Conrad, e o homem moderno, com sua angústia, sua solidão e seu medo, tem em Kurtz o seu próprio paradigma, porque em sua profunda tristeza percebe que sua ânsia de expansão só terminará quando todos estiverem destruídos. Por isso, no final do percurso do rio, Marlowe vai ouvir de Kurtz, uma mesma e aterrorizante palavra: *o horror, o horror...*

Este rio transporta Marlowe para o âmago das trevas e da escuridão do homem moderno. Um rio da África que bem poderia ser o Tâmisia, bordejando a selva da cidade de Londres numa noite sem fim. *"Lanternas deslizavam sobre o rio, pequeninas flamas - verdes, vermelhas, brancas - que se perseguiam, se alcançavam, juntavam-se e entrecruzavam-se, para, em seguida, separarem-se lenta ou velozmente. O comércio da grande cidade se adensava sobre o irrequieto rio."*<sup>18</sup>

---

<sup>17</sup> Conrad publicou *O coração da treva* em 1902, menos de 10 anos depois da edição de *O primeiro marinheiro* de Kipling. Valendo-se do artifício da lenda dos romanos que conquistaram a Inglaterra percorrendo o rio Tâmisia, Conrad destrói magistralmente a lenda imperialista contida em *O primeiro marinheiro* de Kipling, mostrando a sua iniquidade e a sua barbárie, através do relato de Marlowe, que também percorre um rio cercado de horrores à busca do aventureiro Kurtz.

<sup>18</sup> Conrad, Joseph. Op. cit., p. 15.

Esta alegoria aparece no romance de Conrad logo no início, quando Marlowe, o marinheiro, se põe a pensar a respeito das águas do rio Tâmis: *"Estava pensando naqueles tempos remotos em que os romanos, pela primeira vez, apareceram aqui, acerca de mil e novecentos anos (...). Ontem, afinal (...). Desde esse momento a luz irradiou-se deste rio. Os paladinos dirão vocês (...). Sem dúvida (...). A treva, porém, estava aqui ainda ontem. Imaginem o estado de alma do capitão (...) de uma bela trirreme do Mediterrâneo (...). Imaginem-no aqui, no fim do mundo (...), subindo o rio com provisões, ordens ou o que mais que quiserem (...). A morte rondando no ar, nas águas, nas brenhas (...). Deviam morrer feito moscas aqui! E, no entanto, ele cumpria a missão. Cumpria-a muito bem, não há dúvida, e sem pensar muito nisso, exceto mais tarde para se vangloriar de tudo o que teve de suportar em seu tempo. Sim eram homens capazes de olhar a treva de frente (...). A conquista da terra, que consiste fundamentalmente em tomá-la daqueles cuja cor é diferente da nossa ou têm o nariz ligeiramente achatado, não é coisa agradável de se ver se nela aprofundamos o nosso olhar. O que a redime é tão somente a idéia. Uma idéia que lhe dá respaldo, não um pretexto sentimental mas a idéia e uma fé altruísta nessa idéia, algo, enfim a que se pode exaltar, reverenciar e oferecer sacrifícios (...)"*<sup>19</sup>.

Como vimos em inúmeras passagens, Conrad e Kipling trabalharam alegoricamente os elementos contraditórios do homem moderno e seus romances são exemplos magníficos do cosmopolitismo reinante no final do século XIX. O mundo parecia não ter fronteiras e para o homem urbano, que sonhava aventuras arrebatadoras, tudo levava a crer que a expansão não tinha limites. Este homem, que olhava mapas imaginando uma Europa expansionista e civilizadora dos povos, tinha no romance de aventuras a possibilidade de sonhar com uma vida diferente da sua, limitada pelas necessidades e pela repetição monótona do cotidiano das grandes cidades.

Este período, cujas conseqüências mais desastrosas só seriam visíveis para o homem comum com a ameaçadora presença da guerra de 1914, foi o período do Imperialismo. A

---

<sup>19</sup> Conrad, Joseph. Op. cit., p. 14.

sua própria denominação é um problema para o historiador atual que recusa as periodizações tão abrangentes. Seria possível abarcar um conjunto tão complexo de acontecimentos sob uma única generalização? Acreditamos que não. Preferimos tomar a precaução de designar de imperialismo determinados elementos da política e da cultura européias que produziram no homem moderno o desejo desenfreado de uma expansão cujos limites alguns literatos, como Joseph Conrad em 1902, souberam apreender. Segundo H. Arendt, as precauções para o trato da questão são muitas porque afinal, "imperialismo não é construção de impérios e expansão não é conquista. Os conquistadores britânicos, os velhos *infratores da lei da Índia* (Burke), tinham pouco em comum com os exportadores de dinheiro britânico ou com os administradores dos povos indianos. Se estes últimos elaborassem leis ao invés de baixar decretos, poderiam ter-se tornado construtores de um império. O fato, contudo, é que a nação inglesa não estava interessada nisso, e dificilmente tê-los-ia apoiado. O que aconteceu é que os negociantes de mentalidade imperialista foram seguidos por funcionários desejosos de deixar o *africano permanecer africano* (...) e de nenhum modo estavam *dispostos a aplicar o sistema administrador e político de seu país para governar as populações atrasadas e realmente unir as vastas possessões da Coroa Britânica à nação inglesa*"<sup>20</sup>.

Isto quer dizer que a nação mais imperialista do final do século XIX não sonhava em aplicar a lei inglesa aos povos de outras terras, seja porque seus políticos liberais defendiam negativamente no parlamento o direito de auto-determinação dos povos, ou porque os administradores coloniais e exportadores de dinheiro sempre impediram que a vigilância das instituições políticas nacionais viesse a prejudicar os seus negócios. Esta estranha combinação do liberalismo das instituições políticas inglesas com o poder político crescente dos capitalistas e da burocracia colonial deixou aberta a possibilidade de uma expansão ilimitada do poder, acompanhada de um aumento ininterrupto da exploração econômica.

---

<sup>20</sup> Arendt, H. Op. cit., p. 24.

Não é de se estranhar que em termos nacionais o cidadão inglês, distante das decisões burocrático-militares da política imperialista, se sentisse vivendo numa "Idade de Ouro da segurança". A distinção nesse período entre império e imperialismo era muito mais do que um aprimoramento terminológico. Para H. Arendt, esta distinção foi crucial, pois o imperialismo não construía impérios a ponto dos povos de outros países serem considerados cidadãos ingleses. "O princípio de liberdade colonial, por exemplo, acalentado por todos os estadistas liberais ingleses depois da Revolução Americana, só seria válido se a colônia fosse constituída de cidadãos britânicos ou... misturas da população britânica, que tornassem segura a introdução de instituições representativas"<sup>21</sup>.

Na Índia ou na África inglesa a burocracia, o exército e os negociantes criaram uma administração própria cooptando segmentos da população nativa, sem introduzir qualquer instituição política legal da Inglaterra. Isto não quer dizer que a administração colonial tenha podido agir desenfreadamente segundo seus próprios princípios. Inúmeras vezes as instituições políticas inglesas frearam as pretensões dos imperialistas, mas, evidentemente, não impediram que suas pretensões expansionistas superassem o romance-ficção de Conrad, *O coração da treva*.

Retornemos ao leitor de Conrad e Kipling que, por uma estranha combinação da política nacional e da política imperialista, saboreava tão avidamente as aventuras empolgantes nos mares do Sul, na Índia e na África. Nas grandes cidades a imprensa diária já alcançava um grande público leitor ávido por novidades, e já podemos imaginar quão empolgantes não teriam sido os relatos de aventuras em terras longínquas em contraste com a monótona rotina da vida cotidiana. Os navios não eram apenas fantasiados como o elemento veiculador da cultura e da civilização européia pelo mundo. Já nesta época uma indústria florescente abria novas possibilidades de lazer para as classes abastadas das cidades. O turismo vai acompanhar de perto a expansão da política

---

<sup>21</sup> Arendt, H. Op. cit., p. 25.

imperialista e o sonho do cidadão comum tornava a ser, desde então, uma viagem repleta de surpresas e aventuras, num navio.

Os relatos dos viajantes e os romances de aventuras faziam aquilo que mais tarde iria fazer a antropologia (cujo nascimento corresponde ao período do imperialismo): "respondiam as questões que as pessoas tinham sobre as várias sociedades que emergiam debaixo do guarda-sol colonial"<sup>22</sup>.

Este leitor/turista/viajante exigia uma literatura exótica e misteriosa, tanto quanto os administradores coloniais e o serviço secreto britânico se deliciavam com as aventuras deste herói exemplar do imperialismo, que foi *Kim* de Rudyard Kipling. O financista burguês, o administrador colonial, o turista-viajante, todos eles estavam juntos nestas viagens proporcionadas pelos romances de aventura. E por mais irônico que possa parecer, o explorador colonial, o viajante-marinheiro e o turista acabaram sendo os precursores da antropologia, assim como também o foram os escritores de romances de aventura quando traçaram amplos e minuciosos painéis etnográficos das sociedades que viviam sob a sombra do imperialismo. Em um livro sobre o turismo, Dean MacCannell chama a atenção para o fato de que, pelo menos no início, as diferenças entre os cientistas sociais e os turistas não eram tão grandes. "Eles compartilhavam a mesma curiosidade sobre os povos primitivos, os pobres e outras minorias étnicas."<sup>23</sup>

No entanto, esses personagens da política imperialista, desde o leitor de romances de aventura até o agente secreto, passando pelo administrador colonial, pelos negociadores de dinheiro e pelo turista viajante, possuíam outros caracteres de personalidade que os distinguiam. Em primeiro lugar, compartilhavam um poderoso desejo infantil de realizar fantasias que, na idade adulta, a sociedade inglesa, com seus sistemas de coerção e de disciplina, iria frustrar completamente. Muitas dessas figuras humanas foram atraídas pelos negócios e serviços coloniais e levadas para bem longe de sua terra natal. "As

---

<sup>22</sup> Brettell, Caroline B. "Travel literature, ethnography and ethnohistory", in *Ethnohistory*, nº. 2, v. 33, 1986.

<sup>23</sup> Brettell, Caroline B. Op. cit., p. 135. A obra citada é de Dean MacCannell - *The tourist: a new theory of the leisure-class*, 1976.

terras estranhas e curiosas atraíam os melhores jovens da Inglaterra desde o final do século XIX, privaram sua sociedade dos elementos mais honestos e mais perigosos, e garantiram uma certa conservação, ou talvez petrificação, na nobreza dos jovens, que conservou e infantilizou os padrões morais do Ocidente"<sup>24</sup>. Quem melhor explorou esta infantilização da moral inglesa foi sem dúvida Rudyard Kipling em suas dezenas de aventuras na selva, protagonizadas por heróis-crianças. As aventuras de Kim e de Mowgli calaram fundo na moral, não apenas da sociedade inglesa, mas praticamente na de todo o ocidente. Esses personagens, em sua inocência, traziam à tona os desejos reprimidos de adultos que se viam coagidos pelas regras sociais e que pela leitura atenta dos romances poderiam realizar as mais mirabolantes fantasias infantis. "*Kim sentia-se com direito de montar no canhão porque, com um pontapé, havia alijado dali o menino de Dala Dinanath; segundo, porque era um inglesinho e os ingleses mandavam no Punjab. Embora tivesse a pele morena como a dos indianos, falasse de preferência a língua do país e convivesse em perfeito pé de igualdade com os membros do bazar, Kim era um branco (...)*"<sup>25</sup>.

Kim era igual à qualquer criança inglesa que, com seus sonhos quixotescos, pretendia vencer enormes obstáculos e ensinar os padrões morais do ocidente às outras raças e povos, reconhecidos como inferiores. Contudo, este enorme desejo de moldar o outro à sua própria imagem não assegurava o direito de usufruir a cidadania do povo inglês. Isto é, essa enorme pretensão de destruir a identidade do outro, pela introjeção de novos valores morais que lhe eram alheios, sem qualquer contrapartida de âmbito legal, caracterizou plenamente a política imperialista. Em seus belos contos de aventura, Kipling dá vazão a esta fantasia infantil, em que acaba sempre predominando a lei dos mais fortes. Esta ausência de direitos, que impede qualquer espaço de negociação na esfera pública, foi um dos elementos decisivos da dominação imperialista, porque além

---

<sup>24</sup> Arendt, H. Op. cit., p. 126.

<sup>25</sup> Kipling Rudyard. *Kim*, p. 5. Cia Editora Nacional, São Paulo.

da imposição dos valores morais do ocidente, os povos colonizados viram-se destituídos de qualquer espaço público de reconhecimento e de negociação.

Um outro elemento de distinção do turista, do viajante, do administrador colonial, do explorador capitalista, enfim, de todas essas personagens criadas na política imperialista, foi, sem sombra de dúvida, o alheamento. Este elemento novo na política das sociedades modernas conformou a consciência de todas as personagens que viveram a aventura contagiante do imperialismo. Esta faceta intrigante do homem moderno não foi moldada apenas através da política imperialista. Em um livro já consagrado, Richard Sennett, analisando os comportamentos do homem moderno nas grandes cidades do século XIX, aponta as questões do alheamento e da indiferença, e as identifica como decisivas para o declínio da esfera pública. A perda do espaço público não se tornou um elemento central apenas no jogo imperialista de dominação colonial; os processos de socialização e individualização ocorridos na Europa, embora sustentados pelo direito de cidadania, também deprimiram a esfera pública em favor de um recolhimento na intimidade, onde ganharam terreno os estados psíquicos do alheamento e da indiferença.<sup>26</sup>

Nenhuma outra conduta modificou tanto a política da modernidade do que o alheamento, este sentimento que carrega uma mistura de indiferença, arrogância e, no caso da política imperialista, a superioridade racial. Na literatura esta conduta foi definitivamente marcada pela personagem de Kurtz, em *O coração da treva*, que com seu ideal de exterminar todos os povos bárbaros e inferiores, associa indiferença, superioridade racial e um outro traço muito marcante, a tristeza. No final do romance apenas uma palavra ressoa no ar e no âmago do homem moderno: "o horror, o horror".

H. Arendt capta com maestria a tristeza do mais eloqüente e arrogante administrador e negociante imperialista, Cecil Rhodes. "A expansão é tudo, disse Cecil Rhodes, deprimido ao ver no céu 'essas estrelas ... esses vastos mundos que nunca poderemos atingir. Se eu pudesse anexaria os planetas (...)'. Num rasgo de sabedoria, Rhodes reconhecia ao mesmo tempo a inerente loucura dessa época e a sua contradição com a

---

<sup>26</sup> Sennet, Richard. *O declínio do homem público*. Cia das Letras, São Paulo., 1988.

natureza humana. Naturalmente, nem essa sabedoria nem a tristeza dela decorrente alteraram o seu modo de agir<sup>27</sup>.

A tristeza também está presente no sonho latino expansionista, quando D'Annunzio recita os versos: "*navegar é preciso, viver não é preciso*", em nome da política colonial italiana. Um outro poeta de língua latina, que viveu a experiência de dominação colonial portuguesa na África, captou com uma sensibilidade notável a tristeza que toma conta do explorador capitalista imperial, com sua fome insaciável e uma indiferença aterrorizante. Rui Guerra, poeta e dramaturgo moçambicano, tem uma poesia magistral, musicada por Milton Nascimento, sobre o alheamento, a tristeza e a barbárie:

*Chegou no porto um canhão  
Dentro de uma canhoneira  
Tem um capitão calado  
De uma tristeza indefesa.*

*Deus salve a sua chegada  
Deus salve a sua beleza.*

*Chegou no porto um canhão  
De repente matou tudo, tudo, tudo  
Capitão senta na mesa  
Com sua fome e tristeza.*

*Deus salve a sua rainha  
Deus salve a bandeira inglesa*

*Minha vida e minha sorte*

---

<sup>27</sup> Arendt, H. Op. cit., p. 16.

*Numa bandeja de prata  
Eu daria a corte atenta  
Com o cacau dessa mata.*

*Todo o cacau dessa mata.  
Daria a corte à rainha  
Numa bandeja de prata  
Pra ver o capitão sorrindo.*

*Foi-se embora a canhoneira  
Sua pólvora, seu canhão  
Porão e barriga cheia  
Vai mais triste o capitão  
Levando cacau e sangue.*

*Deus salve a sua rainha  
Deus salve a fome que ele tinha...*

Esta poesia de 1975 capta o cerne do alheamento na figura do próprio dominado, que se dispõe a fazer tudo o que está a seu alcance para ver o capitão sorrindo. Este personagem que abriga a tristeza no âmago de sua existência, vivencia-a como o limite inexorável de seu desejo de expansão egoísta e narcisista que, embora acreditando ilimitado, tem os seus limites na própria condição humana, que não é dotada do dom de poder conquistar tudo o que deseja. A indiferença, a arrogância e a superioridade estão metaforizadas nesta *tristeza indefesa* que chega, mata, se empanturra e vai embora, ainda mais triste do que por ocasião de sua chegada. As semelhanças deste poema de Rui Guerra com *O coração da treva* de Conrad é impressionante. O capitão do navio, que aporta em terras dominadas pela política imperialista, se iguala em sua iniquidade e fome insaciável ao Kurtz, comerciante de marfim.

Esta figura do alheamento do homem moderno e da barbárie da política expansionista serviu, na década de 70, de inspiração para o diretor F. Ford Coppola, em seu filme *Apocalypse Now*, onde ele retrata com maestria uma viagem profunda até o âmago da consciência da sociedade americana diante do fracasso da guerra do Vietnã. No filme *Apocalypse Now*, as referências ao romance de Conrad são mais do que evidentes. É uma transcrição atualizada no Vietnã da viagem de Marlowe ao coração do homem moderno, em busca não de um comerciante de marfim, mas de um coronel do exército americano que, ao levar o alheamento ao extremo, põe em cheque a política externa dos EEUU e desvenda os horrores da guerra ao povo americano. Também no filme de Coppola, as palavras finais são: *o horror, o horror...*

A síntese desta conduta política do homem moderno está magistralmente elaborada por Conrad em *O coração da treva*, mas sem dúvida ela recebeu também uma análise insuperável de H. Arendt: "O alheamento passou a ser a atitude de todos os membros da administração britânica, numa forma de governo mais perigosa que o despotismo e a arbitrariedade, porque nem ao menos tolerava aquele último elo de ligação entre o déspota e seus súditos, que eram os subornos e os presentes. A própria integridade da administração britânica tornou seu governo mais desumano e mais inacessível aos seus súditos, que o de qualquer dominador ou conquistador. A integridade e o alheamento simbolizavam uma absoluta separação de interesses, a ponto de nem poderem entrar em conflito. Comparada a eles, a exploração, a corrupção ou a opressão parece salvar a dignidade humana, porque o explorador e o explorado, o opressor e o oprimido, o corruptor e o corrupto ainda vivem num mesmo mundo, ainda têm objetivos comuns, ainda se batem pelas mesmas coisas; e era isso que o alheamento destruíra"<sup>28</sup>.

Num longo relato de Marlowe, encontrando-se com Kurtz, podemos apreender a sensibilidade de Conrad diante da conduta mais aterrorizante do homem da modernidade, imbuído dos ideais de civilização e de progresso. Reproduzo integralmente o texto de Conrad por considerá-lo um dos momentos mais importantes da literatura contemporânea

---

<sup>28</sup> Arendt, H. Op. cit, p. 128.

em sua capacidade de chegar ao âmago do homem da modernidade, que se embebeceu com os seus próprios sonhos e desejos de conquista. Em sua magistral capacidade narrativa, Conrad vai nos desnudando, isto é, vai desmascarando os belos sonhos e os desejos irrefreáveis do homem moderno e *"Ah! E a majestosa frente de Mr. Kurtz! Diz-se que os cabelos voltam a crescer às vezes, mas - oh! - aquele espécime era impressionantemente calvo. A selva dera-lhe um leve tapa na cabeça e, vejam só, esta se transformara numa bola de marfim; a selva o acariciara e, pasmem, ele murchara; ela o aconchegara, amara-o, envolvera-o, infiltrara-se em suas veias, consumira-lhe a carne, impusera-lhe na alma seu próprio sinete para o inconcebível cerimonial de alguma iniciação diabólica. Era o seu favorito, mimado e corrompido. Marfim! Eu poderia ter pensado que se tratava disso. Pilhas, montanhas de marfim. O velho barracão feito de barro estava abarrotado dele. Dir-se-ia não haver em toda a região nenhum outro par de presas, seja no solo, seja acima dele. 'A maior parte fóssil', disse o administrador em tom de menosprezo. Não eram mais fósseis do que eu. Todavia, eles as chamam de fóssil quando têm de ser desenterradas. Os negros, ao que parece, às vezes enterravam as presas mas não puderam, evidentemente, ocultar aquele lote em profundidade suficiente para poupar o talentoso Mr. Kurtz de seu destino. Atopetamos o barco de marfim e ainda foi preciso empilhar uma grande quantidade de presas no convés. A isso ele pode assistir, regozijando-se enquanto teve condições de enxergar, pois a contemplação dessa dádiva persistiu em sua mente até o fim. Deviam tê-lo escutado afirmar: 'Meu marfim.' Oh, sim, eu o ouvi. 'Minha noiva, meu marfim, meu entreposto, meu rio...' Tudo lhe pertencia. Isso fazia-me conter a respiração na expectativa de que a floresta irrompesse numa prodigiosa casquinada capaz de tirar dos eixos as fixas estrelas do firmamento. Tudo pertencia-lhe, mas isso não passava de um detalhe. O importante era saber a quem ele pertencia, que potência das trevas podiam reclamá-lo para si. Era o tipo de pensamento que nos deixava arrepiados. Tentar descobrir era impossível e maligno. Havia assumido uma elevada posição na hierarquia dos demônios daquela terra - e digo isto no sentido literal. Vocês não podem compreender. Como poderiam, com sólidos pavimentos sob seus pés, cercados de vizinhos amáveis, prontos a saudá-los ou a se debruçarem sobre vocês, transitando despreocupadamente entre o açougueiro e o*

*policia da esquina, no sagrado horror ao escândalo, à cadeia ou ao asilo de loucos, como poderiam imaginar a que primitiva região os passos destrambelhados de um homem pode conduzi-lo na procura da solidão - extrema solidão - sem polícia - por meio do silêncio, do silêncio exacerbado em que a voz de vizinho algum bem intencionado pode ser ouvida murmurando o que os outros pensam a seu respeito? Estas pequeninas coisas é que fazem a grande diferença. Desapareçam elas e terão de apoiar-se na virtude inata, na capacidade de ser fiel que cada um trouxer em si mesmo. Claro que poderão ser tolos o suficiente para se desgarrarem, estúpidos o bastante para não suspeitarem que estão sendo assaltados pelos poderes da treva. Acredito que nunca um imbecil vendeu a alma ao diabo: o imbecil é imbecil demais ou o diabo diabólico demais, sei lá. Ou, então, trata-se de uma trovejante e augusta criatura, surda e cega a não ser para visões e sonoridades celestiais. Com isto, a Terra para vocês, é apenas um lugar de passagem. Se isto é um ganho ou uma perda, não tenho a pretensão de dizer. Para a maioria de nós, no entanto, não é nem uma coisa nem outra. A terra é para nós um lugar onde se viver, um lugar onde temos de harmonizar visões, sons e - por Deus! - cheiros: respirar o cheiro de hipopótamo podre, apenas como exemplo, e não ser contaminado. É aí então - não perceberam? - que entra em jogo a capacidade pessoal. A crença em sua própria habilidade para cavar buracos bem disfarçados a fim de esconder coisas - seu poder de devoção, não a vocês mesmos, mas a algum obscuro, extenuante comércio. E isso é algo muito difícil. Notem bem, não estou tentando justificar ou explicar; estou procurando decifrar para mim mesmo em nome de ...Mr. Kurtz. Esse espectro iniciado, emergido das profundezas do Nada, honrou-me com sua surpreendente confiança antes de dissipar definitivamente. E isso tão só porque podia falar inglês comigo. O Kurtz de origem havia sido educado na Inglaterra e, como teve a gentileza de dizer-me, suas simpatias estavam do lado certo. Sua mãe era meio inglesa e seu pai meio francês. A Europa toda colaborara na confecção de Kurtz e não tardei em saber que, muito apropriadamente, a Sociedade Internacional para Supressão dos Costumes Selvagens havia-lhe confiado a elaboração de um relatório para a sua orientação futura. E ele o escreveu. Eu o li. Eu o li. Era um texto eloqüente, vibrante, por demais exasperado, penso. Setenta páginas de escrita miúda para as quais*

*encontrara tempo! Mas isso, sem dúvida, antes que, digamos, seu sistema nervoso se descontrolasse e o levasse a presidir certas danças noturnas que terminavam em abomináveis rituais, os quais, tanto quanto com relutância deduzi do que escutei esparsamente, eram ofertados a ele - compreendem? - a Mr. Kurtz em pessoa. Era, contudo, um belo fragmento de prosa. O parágrafo inicial, entretanto, sob a luz de informações posteriores, choca-se hoje como terrivelmente funesto. Começava com o argumento de que nós, os brancos, em face do desenvolvimento que alcançamos, 'devemos necessariamente surgir aos olhos deles (os selvagens) como seres sobrenaturais - aproximamo-nos com os poderes de uma divindade' e assim por diante. 'Pelo simples exercício de nossa vontade podemos empregar uma força quase ilimitada em favor do bem', etc., etc. A partir desse ponto, ele sublimou-se e arrebatou-me. A peroração era magnífica, embora difícil de ser memorizada. Deu-me a impressão de uma Magnificência exótica regida por uma augusta Benevolência. Fez-me estremecer de entusiasmo. Era o desmedido poder da eloquência, das palavras - de nobres palavras inflamadas. Nenhuma sugestão prática que interrompesse a mágica torrente de frases, a menos que uma espécie de nota de pé da última página, rabiscada evidentemente muito mais tarde por mão insegura, pudesse ser encarada como a exposição de um método. Era muito simples e, ao final daquele comovente apelo a toda sorte de sentimentos altruístas, incandescia-se diante de nossos olhos, luminosa e terrificante, como o relampejar de um raio num céu tranqüilo: 'exterminar todos esses bárbaros'<sup>29</sup>.*

Este impressionante relato nos dá a dimensão aterrorizante do mundo das trevas onde se perdeu o homem moderno com seus desejos de expansão ilimitada. Interessante observar que o romance de Conrad representa um momento decisivo de diagnóstico dos horrores que estavam sendo vividos pelo homem da modernidade, que podia viver pacatamente nas grandes cidades, mas ao mesmo tempo ser conduzido para a aventura imperialista, pelo desejo exclusivo de realização de suas fantasias.

---

<sup>29</sup> Conrad, Josep. Op. cit., pp. 76 a 79.

Mas os romances de aventura apontam para um outro elemento distintivo das personagens que viveram em ação e em fantasias as inúmeras dimensões da política imperialista. Em H. Arendt encontramos uma análise fascinante do espírito de aventureirismo que impregnou os melhores e piores cidadãos da Inglaterra. Esta autora, inclusive, atenta-nos para o fato de que esse desejo de aventuras acabou produzindo personagens reais do imperialismo, que superaram as imaginativas construções dos romances de Rudyard Kipling.

O aventureirismo, essa conduta ímpar do homem moderno, pode ascender à escala mais alta dos valores morais do imperialismo porque a política empreendida pela Inglaterra na África e na Índia necessitava antes de mais nada de uma administração burocrática (não havia nesses lugares instituições representativas) cercada do maior sigilo. Este sigilo era, sem dúvida, o elemento chave da política imperialista, uma vez que permitia tramar em segredo as práticas do poder burocrático, sem que elas fossem incomodadas pelas instituições representativas do estado-nação.

Nenhuma organização ficou mais famosa durante a política do imperialismo do que os serviços secretos. Como afirma a própria H. Arendt, "é obvio que esses agentes secretos não tinham o menor senso de obediência às leis humanas. A única lei que seguiam era a lei da expansão e a única prova de sua *legalidade* era o sucesso. Tinham de estar perfeitamente dispostos a desaparecer no completo esquecimento em caso de fracasso (...). Enquanto alcançavam o sucesso, a sensação de forças incorporadas, maiores do que eles próprios, tornava relativamente fácil dispensar e mesmo desprezar o aplauso e a glorificação. Eram monstros de presunção no sucesso e monstros de modéstia no fracasso. Esta superstição de uma possível identificação mágica do homem com as forças da história está na base da burocracia como forma de governo e da definitiva substituição da lei por decretos provisórios e mutáveis. Para tal estrutura política o ideal será sempre o homem que puxa os cordões da história por trás das cortinas"<sup>30</sup>.

---

<sup>30</sup> Arendt, H. Op. cit., p. 132.

Esses administradores coloniais, esses agentes secretos que formavam a burocracia imperialista faziam e desfaziam um grande jogo de aventureirismo, certos de que não deveriam seguir ou obedecer nenhuma lei civil, mas apenas as leis ditadas pela necessidade de expansão. Justamente, por não estarem sujeitos a nenhuma lei, tendo como único código moral a sua própria conduta, ditada pelas missões secretas do Imperialismo, suas vidas eram um grande jogo de perde ou ganha que só poderia acabar com a morte. Não há dúvida de que o homem moderno, aventureiro que joga este jogo perverso e secreto por traz do biombo da história, acreditando estar dominando as suas leis, está alheio de todos os vínculos que formam uma sociedade civil, vivendo apenas segundo decisões sigilosas da administração imperialista.

Rudyard Kipling, este grande escritor do Imperialismo, cuja morte foi reverenciada pelos ingleses e americanos, tendo a família recebido condolências do imperador da Alemanha, foi autor também da lenda fundadora do aventureirismo. Nenhum outro romance de aventura descreveu tão bem as atividades do serviço secreto britânico, tendo como personagem *Kim*, uma criança que com seus sonhos infantis, sem o apego de qualquer instinto patriótico, por pura aventura, decide jogar o Grande Jogo. Esta lenda fundamental criada por Kipling só recebeu uma crítica contundente de Joseph Conrad, em seu romance *O agente secreto*. Nele, o agente secreto, ao invés de aparecer como um herói tramando em segredo, é a própria figura da confusão e da bagunça, resultante de uma conduta política aonde não existem regras legais civis.

Segundo H. Arendt, "todo aventureiro sabe, naturalmente, o que Kipling queria dizer quando louvava *Kim* porque *ele amava o jogo pelo próprio jogo*. Toda pessoa capaz de admirar-se ante *este grande e maravilhoso mundo* sabe que não é nenhum argumento contra o jogo o fato de que *missionários e secretários de beneficência não podiam compreender a sua beleza* (...). Uma vez que a própria vida, afinal, tem de ser vivida e amada pelo que é, a aventura e o amor ao jogo pelo próprio jogo facilmente parecem sim-bolizar a vida de um modo intensamente humano (...). Jogando o Grande Jogo, o homem pode sentir que vive a única vida que vale a pena, porque se despe de tudo o que ainda pode ser considerado acessório. A própria vida parece ficar para trás, numa pureza fantásticamente intensa, quando ele se liberta de todos os laços sociais comuns - família,

ocupação regular, objetivo definido, ambições e o lugar em uma comunidade à qual pertence por nascimento. Só quando estão mortos é que o Grande Jogo acaba. Não antes! (...). A ausência de objetivos é exatamente o encanto da existência de *Kim*. Não foi pela Inglaterra que ele aceitou os seus estranhos encargos, nem pela Índia, nem por qualquer outra causa digna ou indigna (...). Adotou o seu peculiar modo de vida de *não perguntar a razão, mas apenas agir ou morrer* sem ao menos ter feito a primeira pergunta. Foi tentado apenas pela interminabilidade do jogo e pelo segredo em si. E o segredo também parece simbolizar o mistério básico da vida"<sup>31</sup>.

O agente secreto do Serviço Britânico transformou-se numa das lendas mais poderosas da literatura de aventuras e, como já foi dito, alguns personagens reais suplantaram em vida a própria ficção. Dentre eles não poderemos esquecer jamais da misteriosa e fascinante figura de Lawrence da Arábia, que depois de ter vivido a experiência de agente secreto e libertador de povos coloniais, escolheu o anonimato e recusou todas as homenagens ofertadas pelo governo inglês. O seu heroísmo só fazia sentido no mundo do segredo e do mistério, onde estava assegurado o seu anonimato. A sua aventura estava ligada à idéia de que o segredo possibilitava tecer os fios da história sem qualquer constrangimento legal. O seu heroísmo estava indissolúvelmente ligado ao serviço secreto e ao anonimato.

Evidentemente, poderíamos ampliar o espectro de elementos constitutivos do homem moderno tomando como referência o romance de aventuras. Preferimos, entretanto, nos deter em alguns traços muito bem captados por H. Arendt e ampliá-los por meio de citações e análises dos autores mais significativos do período do Imperialismo. Devemos reconhecer por fim que os nossos objetivos não foram os de esmiuçar a personagem engendrada pelos romances de aventura, que iria participar do sonho fantástico da dominação imperialista. Ainda hoje, as melhores reflexões sobre o homem moderno, que viveu a aventura imperialista, devemos a H. Arendt. Interessou-nos neste trabalho analisar as possibilidades de utilização do romance como fonte de investigação histórica.

---

<sup>31</sup> Arendt, H. Op. cit., pp. 134 e 135.

Além disso, instigou-nos também a curiosidade de desvendar a figura desse leitor, que somos nós, ainda fascinados pelo mistério dos romances de aventura e pelo romance policial, que nos legou o sentido de suspeita. Esta combinação de interesses pelas viagens por terras e tempos desconhecidos e pela decifração, através de pistas, dos mistérios da aventura humana, ainda parece ser o elemento central que move a investigação histórica e ao mesmo tempo o elemento gerador de novos e interessados leitores por livros de história. O que restaria para nós historiadores se não existisse esse leitor ávido por conhecer tempos e espaços desconhecidos, cujos olhos estão sempre armados pelo sentimento de suspeita? A história não deixa de ser uma narrativa profundamente relacionada com os seus leitores. Ler livros de história requer antes de tudo o interesse pelo segredo e uma atitude de suspeita frente aos eventos narrados do passado, estas aptidões que nós adquirimos em nossa experiência de seres formados pela modernidade.

Contudo, seria muito ingênuo terminar assim este artigo. Apesar de pretender despertar o interesse dos historiadores para o uso da literatura enquanto fonte para a interpretação histórica, ele, sem dúvida, pretende mais do que isso. Nesta tentativa de analisar a literatura do Imperialismo, com a companhia inestimável desta magistral pensadora que é H. Arendt, procuramos traçar também os vieses da personalidade do homem moderno e observá-lo como o agente social responsável pelas sustentação da política e o portador da figura do direito de cidadania. Este personagem problemático será o responsável pelo destino das aspirações políticas das sociedades que adentraram na modernidade a partir do século XIX. Nele residem todos os enigmas e os nossos conhecimentos adquiridos não têm sido suficientes para decifrá-los, lembrando-nos a aventura de Édipo diante da esfinge.

Campinas, 27 de abril de 1994